

Robinson Crusóe: os percalços de um homem solitário

Gínia Maria Gomes*

Resumo

Este ensaio procura refletir o percurso de Robinson Crusoe, personagem central da narrativa homônima de Daniel Defoe, quando se encontra em uma ilha deserta. Náufrago, sozinho, logo resolve os problemas da sobrevivência com a carga que retira do navio. Procurando proteger-se constrói uma "fortaleza", organiza seu espaço provendo as suas necessidades tanto em relação ao alimento, quanto ao conforto. Seu mundo estruturado desagrega-se com a irrupção de selvagens antropófagos na ilha, pois passa a viver sob o influxo do medo. A situação só se modifica com a chegada de Sexta-Feira, que instaura um novo tempo. Ao longo dos anos mantém um diário, no qual faz um exame de seus atos e motivações, bem como procura perceber os intuitos da Providência Divina. Depois será analisado o Robinson da narrativa *Sexta-Feira, ou, Os limbos do Pacífico*, de Michel Tournier. Pretende-se focalizar sobretudo as diferenças em relação ao outro texto.

Palavras-chave: Robinson Crusoe. Ilha deserta. Solidão. Selvagens. Sexta-Feira. Cotidiano.

Robinson Crusoe, de Daniel Defoe, foi publicado em 1719. Escrito como "relato de um fato histórico" (WATT, 1997, p. 154), o autor incomodava-se com a leitura ficcionalizada de seu texto. Para combater essa interpretação, segundo ele errônea, argumentava que seu herói estava "ainda vivo e muito conhecido, sendo as peripécias destes volumes, aquilo a que mais diretamente se aludem toda a história ou à maior parte dela" (DEFOE apud WATT, 1997, p. 155). Apesar de o escritor ambicionar que o livro fosse aceito como acontecimento verdadeiro, hoje o lemos à revelia de seu desejo. Transformou-se em mito literário: o do indivíduo solitário que, em uma ilha deserta, vence os percalços que lhe são impostos.

Muitas são as narrativas que retomaram o mito.¹ Entre elas está *Sexta-Feira ou os limbos do Pacífico*, de Michel Tournier, publicado em 1972. Esta, embora retome os principais motivos do texto de Defoe, em muitos aspectos, traz soluções opostas e, principalmente, apresenta especificidades do homem moderno. São justamente essas diferenças que se destacará no presente ensaio.

Mas aportemos na ilha...

* Professora na UFRGS. Doutora em Letras pela UFRGS. E-mail: giniang@terra.com.br

¹ A narrativa de Johann Rudolf Wyss, *Robinson suíço*, também retoma a temática, com a diferença de que o naufrágio atinge toda a família e não apenas um único homem.

1 Do abandono ao domínio

Náufrago, Robinson debate-se no mar revolto, até finalmente chegar à praia. À alegria inicial – “estava por inteiro devotado à contemplação de minha salvação” (p. 48)² – segue-se a consciência da precariedade do estado em que se encontra. As possibilidades da natureza não são percebidas, volta-se apenas para a carência do momento: “eu estava encharcado, não tinha roupas para trocar, não tinha comida nem bebida para me saciar, nem via qualquer perspectiva pela frente exceto morrer de fome ou ser devorado por feras selvagens” (p. 48). Sem arma, vê a chance de sobrevivência minada, porque impossibilitado de matar algum animal para seu sustento. Impedido de caçar, não consegue ver o que a ilha poderia lhe oferecer, que certamente notaria não estivesse tão dependente dos meios oriundos do mundo civilizado. Segundo Macherey, Robinson apresenta um olhar pobre: “mais que um olhar ingênuo, se trata de um olhar *desprovido, privado* de toda a espécie de recursos. Se trata de um olhar *pobre*” (1980, p. 269).

Felizmente, para sua alegria, é logo provido dos meios indispensáveis para a subsistência, pelo menos aqueles que ele considerava como tais – é o caso da arma -, porque o navio estava a uma distância próxima da praia. Decide ir até ele. Já nesse momento inicial de sua estada na ilha, Robinson apresenta uma característica que será fundamental para o domínio da natureza: o trabalho.³ Faz doze incursões ao navio, suprimindo as suas necessidades imediatas. É interessante que escolhe cada coisa que decide carregar – “estudando com cuidado aquilo que mais me fazia falta” (p. 50). É assim que, na primeira viagem, carrega alimentos, ferramentas, armas e munições. Tem a mesma preocupação nas demais expedições, sempre procurando abastecer-se do essencial.

Os treze primeiros dias se alternam entre as incursões ao navio e a organização do espaço. A necessidade de proteção, não suprida logo, leva-o à construção da “fortaleza”. Ao escolher o local observa sobretudo a segurança oferecida ali; como providência inicial constrói uma cerca dupla: “Essa cerca ficou tão forte, que nem homem nem fera poderia passar por ela ou por cima dela” (p. 58). Sua entrada e saída fazia-o por meio de uma escada, que era recolhida quando entrava em casa. Essa construção demandou tempo e trabalho: “Essa falta de ferramentas dificultava muito todo trabalho que eu fazia, e precisei de quase um ano inteiro para completar a pequena paliçada ou habitação cercada” (p. 62).

A exploração da ilha, de seu potencial, só ocorre depois de instalado e protegido. Sua primeira descoberta são as cabras, que por serem ariscas, ele necessita recorrer à arma. Segue os passos do homem primitivo, cujo alimento

² Todas as citações seguem a edição: DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. São Paulo: Iluminuras, 2004.

³ “O motor da gênese é o trabalho. *Robinson Crusoe* é antes de tudo um romance do trabalho, e mesmo o primeiro romance do trabalho” (MACHEREY, 1989, p. 269).

é conseguido por meio da caça: “Durante esse tempo, fiz minhas incursões à mata atrás de caça todos os dias quando a chuva permitia” (p. 72).

Depois de se ter instalado e resolvido o problema da alimentação, não mais dependendo do que encontrara no navio, começa a se preocupar com o conforto: dedica-se à fabricação de uma cadeira e de uma mesa, que, aparentemente simples, exigiram um grande dispêndio de tempo. Robinson inclusive destrói vários exemplares, devido à falta de ferramentas e ao próprio despreparo, sendo, por isso mesmo o seu ofício de artesão extremamente dificultoso. Alguns objetos, como uma tábua ou uma prancha, demandaram uma “quantidade prodigiosa de tempo e trabalho” (p. 64). Com a fabricação de utensílios necessários organizou sua “caverna” de tal forma que, se alguém a visse, “daria a impressão de um armazém geral de todas as coisas necessárias” (p. 65).

Na fase inicial de sua estada na ilha a sua principal fonte de alimento é a caça, a ela dedicando-se diariamente. A agricultura principia de forma casual, quando, inadvertidamente, joga fora o conteúdo de um saco, o qual os ratos haviam comido, porque desejava “dar[-lhe] um novo uso” (p. 72). Fizera isso em local propício, razão de os grãos logo terem florescido: “Estando ali, à sombra de um alto penedo, eles brotaram imediatamente; ao passo que, naquela época, se os houvesse atirado em qualquer outro lugar, eles seriam queimados e destruídos” (p.72). É, pois, acidentalmente que tem início sua plantação; depois, os grãos colhidos são replantados, até ter uma quantidade suficiente para uso próprio, o que só ocorre no quarto ano. No entanto, não se pode esquecer que ele também sofreu alguns contratempos com essa atividade: semeou os grãos em período de seca e perdeu-a quase inteiramente. Depois foram as cabras e animais silvestres que quase a devastaram e, posteriormente, os pássaros. Venceu os primeiros fazendo uma cerca e os outros com tiros e com o uso do terror: matava as “gatunas” e as deixava “penduradas para aterrorizar as outras” (p. 106).

O êxito de sua plantação de cevada lhe dá o desejo de fazer pão, mas novas dificuldades se impõem. Além de não saber fazê-lo havia o problema de transformar a cevada em farinha, bem como de assar a massa. Então se aplica a essa tarefa: “tive os seis meses seguintes para me dedicar inteiramente, com esforço e invenção, a fim de me prover de utensílios apropriados ao meu uso e a todas as operações necessárias para adequar o grão (quando o tivesse)” (p. 107). Confeccionar potes que suportassem o fogo é um trabalho árduo, mas a ele se dedica sem tréguas até conseguir êxito na empreitada: “Nenhuma alegria por algo de natureza tão medíocre se igualaria à minha quando descobri que fizera uma vasilha de barro capaz de suportar o fogo” (p. 109). Depois de vencer todas as barreiras, aprende a fazer pão: “Assim, como no melhor forno do mundo, eu assava meus pães de cevada e me tornei, em pouco tempo, um humilde confeitoiro entre outras coisas, pois fiz vários bolos e pudins de arroz” (p. 110).

Os obstáculos são sempre vencidos, seja quando se trata da fabricação

de utensílios, seja no enfrentamento dos “inimigos” que assolam sua plantação. As frustrações, como a de ter perdido os grãos plantados em época imprópria, não o abatem, e os percalços desencadeiam a sua aprendizagem: “Depois dessa experiência, porém, fiquei senhor do meu ofício. Sabendo exatamente a estação própria para semear, poderia esperar dois períodos de semeadura e duas colheitas por ano” (p. 96). Não param aí suas atribulações: enfrenta o desabamento de sua caverna, onde já organizara os seus pertences; um furacão o deixa aterrorizado e a doença o prostra, fazendo-o refletir sobre a precariedade em que está vivendo.

O sentimento de abandono, ao encontrar-se só numa ilha deserta, desaparece na medida em que vai dominando a natureza através do trabalho. Ao construir um espaço habitável e prover o seu sustento, vai também sentindo-se senhor da ilha. Embora este sentimento permeie o texto, ele já aparece no início, o que se nota no emprego do possessivo presente no título do capítulo “Construo minha fortaleza” (p. 57), e fica evidente quando de sua primeira “inspeção na ilha”. Nessa incursão, ele reconhece locais aprazíveis, especialmente um, que considera melhor situado do que aquele em que edificara a sua “fortaleza”. É então que a sensação de posse se afirma: “Porque pensava que aquilo me pertencia, que eu era o rei e senhor incontestável de toda aquela região e que tinha o direito de posse” (p. 92).⁴ A mesma sensação pode ser percebida em outra circunstância: “Era o senhor de todo o feudo ou, se quisesse, poderia mesmo me considerar rei ou imperador de todo o território do qual me apossara” (p. 115).

Esse sentimento ainda pode ser conferido na expressão “meu reino”, com que se refere à ilha: “Até que, ansioso para conhecer a periferia do meu pequeno reino, tomei uma decisão e abasteci a embarcação para a viagem” (p. 121). A seguir ele refere-se a “reinado”: “no sexto ano do meu reinado” (p. 121). Ter um reino implica também em ter súditos. Como está só na ilha, transforma os animais domésticos em sua “família”, aqueles sobre os quais exerce sua autoridade: “Ali estava minha majestade, o príncipe e senhor de toda a ilha: eu tinha a vida de todos os meus súditos sob meu comando absoluto; podia enforcar, arrastar, dar liberdade e tirá-la, e não havia nenhum rebelde entre os meus súditos” (p. 129).

O naufrago carente de tudo, em situação de abandono quando aporta à ilha deserta, não teme as vicissitudes que encontra. Imediatamente se põe a trabalhar para vencer os percalços que lhe foram impostos. É justamente graças a essa posição que consegue estabelecer uma relação de domínio sobre a natureza, desencadeando o sentimento de posse, que o transforma em senhor da ilha.

⁴ Constrói aí “uma espécie de casinha de veraneio” (p. 93), para onde se dirige em alguns momentos.

2 Os selvagens e a desagregação de um mundo estruturado

Após quinze anos, Robinson tem uma existência estruturada. Vive destemidamente entre sua “fortaleza” e “sua casa de campo”, cuidando de sua plantação, de suas cabras, fabricando utensílios, enfim, trabalhando tanto para sua subsistência quanto para manter um mínimo de conforto. É nesta conjuntura que ele percebe o primeiro sinal humano: “a pegada de um pé [...] descalço perfeitamente desenhado na areia” (p. 134). Embora seja apenas uma “pegada”, o fato o deixa “aterrorizado ao extremo” (p. 134). Percebe-se o impacto sofrido através da comparação a que recorre para traduzir a sua emoção: “Parei como se tivesse sido atingido por um raio ou visto uma assombração” (p. 134). O primeiro impulso é buscar a proteção de seu “castelo”, denominação que passa a dar a sua morada depois do episódio: “entrei nele como se estivesse sendo perseguido” (p. 134). Como é de se esperar, tal circunstância desencadeia muitas projeções sobre futuros encontros. Entre elas estava a possibilidade de ser devorado, pois era sabedor da existência de índios antropófagos. Nesta iminência, fica recluso em sua “fortaleza” “durante três dias e três noites” (p. 137). Só consegue sair desse estado quando se convence de que o pé poderia ser o seu. No entanto, apesar disso, é atemorizado que se aventura a andar por seu território: “vendo o medo com que eu saí, com que freqüência eu olhava para trás, como estava pronto a largar o cesto e sair correndo para salvar a vida a qualquer momento, qualquer um pensaria que eu estava sendo assombrado pela consciência pesada, ou que ultimamente andava muito apavorado” (p. 137). O episódio é de tal forma marcante que, passados dois anos, ele ainda vive amedrontado, principalmente movido pelo receio de ser preso por “selvagens e canibais” (141).

A reflexão lhe permite concluir que os desembarques na ilha eram apenas acidentais. Não obstante isso, ele ainda realiza outros trabalhos para deixar seu “castelo” ainda mais fortificado. Constrói um muro junto ao qual coloca, em seus orifícios, “os sete mosquetes” que “trouxera do navio” (p. 139). Também planta um número muito grande de árvores, que, em alguns anos, formam “um bosque crescendo tão denso e resistente, que era de fato absolutamente intransponível” (p. 139). As providências mostram sua apreensão quanto a sua segurança, apesar de concluir que as incursões dos selvagens na ilha eram ocasionais. Os seus temores se estenderam também ao seu rebanho de cabras, pois constituíam uma fonte de alimento “presente”. Por isso procura outro espaço para ele, onde estaria mais protegido.

A desestruturação de seu mundo, decorrente da “pegada”, trouxe a intranquilidade e o medo para a sua vida. Este se intensifica quando encontra “a praia coalhada de ossos” (p. 143). O horror diante do que vê é tão intenso que se torna difícil traduzir a emoção vivenciada. Embora já

tivesse ouvido falar no ritual antropofágico, não consegue confrontá-lo: “desviei o rosto do espetáculo pavoroso” (p. 143). Imediatamente afasta-se do local e retorna “a toda pressa para casa” (p. 143), recuperando a tranquilidade em seu “castelo”.

As suas reflexões iniciais mostram-se totalmente contrárias aos selvagens, uma vez que são as de alguém que não consegue entender o outro. A cerimônia imaginada é então vista como sendo bárbara, relacionada ao demoníaco. O temor recrudescer e o enclausuramento se impõe: “Conservei-me encerrado no meu próprio círculo por quase dois anos depois disso” (p. 143). A sua rotina se transforma, há o abandono de projetos, como o de tentar produzir cerveja. Desiste do empreendimento, pois seus pensamentos estão obsessivamente voltados aos bárbaros, desejando “matar alguns daqueles monstros durante sua cruel e sanguinária orgia” (p. 145). O desejo de vingança era seu *moto condutor*, por isso procurava locais “apropriados para fazer tocaias” (p. 145).

Se a visão da “pegada” já desestruturara o seu mundo, a descoberta das ossadas o aprisiona, o que o título do capítulo – “Raramente me afasto de minha cela” (p. 149) – evidencia. Desta reclusão só sai para obrigações imprescindíveis. O seu temor não se limita às possibilidades futuras, para as quais procura estar preparado, carregando armas quando necessita sair da “cela”, mas também se volta para um passado que não aconteceu, porém poderia ter acontecido. Se em vez da “pegada” se tivesse deparado “com quinze ou vinte selvagens e eles saíssem em minha perseguição” (p. 149-150), certamente não se teria salvo.

A sua rotina é abalada com a descoberta das ossadas. Preocupado sobretudo com sua proteção passa a temer qualquer ato que pudesse colocá-la em risco, como pregar pregos e acender fogo.

Alguns anos depois, flagra um ritual antropofágico e após quinze meses outro. Dá-se conta de que eles tinham certa regularidade, apesar de, até então, não ter percebido nenhum sinal. Esse fato traz novamente perplexidade e inquietação para sua vida, temeroso de ser aprisionado. A sua rotina é mais uma vez quebrada e ele busca a proteção de seu “castelo”: “se em algum momento me aventurava fora de casa, não o fazia sem antes olhar ao redor com os maiores cuidados e precauções imagináveis” (p. 156).

No entanto, pensando muito sobre o caso, acaba tendo uma maior compreensão dos selvagens. O ritual antropofágico é percebido como o costume de um povo. Voltando-se para a história da conquista, critica os atos dos espanhóis que “destruíram milhões dessas pessoas” (p. 147). Tem consciência de que a sua “resolução de atacar os selvagens”, além de revelar-se “equivocada” (p. 147), representaria a mesma violência empregada pelos conquistadores.

Fica evidente dessas situações que o medo instaurado em sua vida abala o seu cotidiano, desestruturando a organização conquistada, a qual tinha horários estabelecidos para os diversos afazeres: caçar, cuidar da plantação, fabricar utensílios, comer, dormir, etc. Algumas dessas práticas

são abandonadas, como a caça diária, porquanto impedido de atirar para não fazer barulho, e a feitura de utensílios de barro, porque impossibilitado de acender fogo, em decorrência da fumaça denunciar a presença humana. Outras são mantidas, porém passam a ser realizadas sob o domínio do medo: Robinson está sempre temeroso de ser flagrado pelos selvagens. Dessa forma, pode-se perceber o quanto a presença dos bárbaros é responsável pela desagregação de seu mundo, cuja ordem fora arduamente conquistada.

3 Sexta-Feira e a instauração de um novo tempo

O mundo de Robinson, desestruturado com a percepção de que os selvagens freqüentam a ilha, para a qual acorrem com vistas à realização dos rituais antropofágicos, recebe um novo influxo quando da chegada de Sexta-Feira. Abre-se a partir de então um novo capítulo em sua vida.

A ocasião em que aporta à ilha é propícia, pois coincide com o momento em que Robinson mais anseia por romper com sua solidão: “Durante todo o tempo de minha vida solitária, eu jamais sentira um desejo tão intenso, tão forte, de convivência com meus semelhantes ou um pesar tão grande pela sua falta” (p. 159). É nessa circunstância que se dá o encontro. O primeiro aspecto importante destacado por ele é o fato de ouvir uma voz humana, o que não acontecia desde o naufrágio: “Mesmo não podendo compreendê-las, achei agradável ouvi-las” (p. 171).

A presença de Sexta-Feira, sua aplicação, sua alegria são fundamentais na sua mudança de ânimo, ou mesmo de perspectiva: “Naquela época, a minha vida começara a ficar tão fácil, que comecei a me dizer que, se pudesse ficar a salvo de outros selvagens, não me importaria de não ser recolhido jamais daquele lugar enquanto vivesse” (p. 176). Sexta-Feira é responsável pela marca da diferença, tornando sua estada na ilha “mais agradável” (p. 179). Ao lado da possibilidade de se comunicar, o outro motivava “singular satisfação”: “E além do prazer de falar para ele, o indivíduo em si me causava singular satisfação com sua honestidade espontânea e singela se manifestando mais e mais a cada dia. Comecei realmente a amar a criatura” (p. 179).

Com Sexta-Feira, Robinson logo passa a exercer um talento nato: o ensino. Marthe Robert faz considerações sobre a importância desse papel:

Robinson é um pedagogo nato, este é o seu dom mais marcante entre todos os que a lógica da ilha o obriga a desenvolver. Educador de si mesmo e eterno aprendiz, ele tem a paixão do ensino e se entrega com fanatismo à primeira ocasião, tanto no terreno prático e moral quanto na ordem do conhecimento intelectual ou espiritual (ROBERT, 1972, p. 151).

Primeiro ensina Sexta-Feira a falar inglês. É significativo que a primeira palavra seja “Amo”, deixando explícita sua posição de dominador, que já se manifestara antes, quando pensara em salvar “dois ou três selvagens para transformar em escravos exclusivos” (p.168). A aprendizagem do inglês é imprescindível para que a comunicação entre ambos se realize.

O professor não pára no ensino da língua. Depois de Sexta-Feira ter uma boa compreensão do inglês, Robinson começa a instrução religiosa. E é aqui que o aluno revela uma argúcia incomparável, inclusive, em uma ocasião, deixando o outro sem argumentos. Isso ocorre quando o mestre fala da bondade infinita de Deus e da maldade do diabo, seu inimigo. Depois de ter confirmado o contraponto bondade / maldade, o aluno apresenta um raciocínio de extrema lógica: “Mas, diz ele de novo, ‘se Deus mais forte, mais poderoso que o Diabo, porque Deus não mata o Diabo para ele não fazer mais maldade?’” (p. 182). O discípulo deixa “atônito” o mestre, que não sabe o que responder. O interlocutor, “ansioso”, não cala a pergunta, e não se satisfaz com as explicações dadas pelo professor, que afirma que o castigo se realizará “no fim”, para que todos tenham a oportunidade de se arrependerem e, como tal, de serem perdoados. Consciente de não ter conseguido dar-lhe uma resposta convincente, Robinson encerra o diálogo “enviando-o para fazer alguma coisa bem longe” (p. 187).

Suscitar discussão não é demérito para o mestre, mas motiva uma aprendizagem efetiva, tanto que, mais adiante, refere-se ao fato de Sexta-Feira ter-se transformado em um “bom cristão”: “o selvagem se tornara então um bom cristão, muito melhor do que eu, embora eu tenha razão para acreditar, e agradeço a Deus por isso, que fomos igualmente penitentes e penitentes recuperados, confortados” (p. 184).

O professor não restringe seus ensinamentos ao âmbito religioso. Ao contrário, eles são amplos e abrangentes. Vão desde aqueles que concernem à vida cotidiana – ensinando-o, por exemplo, a atirar – quanto aqueles mais abstratos, como a história de sua própria vida e de seu país – descrevendo a região de onde é oriundo, bem como os seus usos e costumes.

A presença de Sexta-Feira na ilha inaugura um novo tempo. O convívio, a comunicação, a possibilidade de desenvolver um talento nato – o ensino -, as trocas fazem a diferença entre os anos em que estão juntos e aqueles em que passou sozinho. Certamente é um outro tempo, pois com ele a comunicação é introduzida, o que faz desse período um capítulo à parte, “muito diferente de todo o resto do tempo” (p. 190).

4 O papel do diário

O diário tem um importante papel no romance, porque nele Robinson não apenas registra suas atividades cotidianas, mas também submete seus atos e pensamentos à reflexão. Ao reportar-se às suas ocupações, ele se

alinha à “concepção puritana da dignidade do trabalho [...] segundo a qual o sentido cotidiano do indivíduo possui importância e interesse suficientes para tornar-se digno de literatura” (WATT, 1990, p. 67).

Robinson não pára. Sua constante atividade está evidente em seu diário, quando em 4 de novembro expõe a organização de seus horários:

Nesta manhã, comecei a organizar meus horários de trabalho, a saber: o de sair com a espingarda, horário de dormir e horário de lazer. Assim, todas as manhãs eu saía com a espingarda por duas ou três horas se não estivesse chovendo. Depois me ocupava com o trabalho até cerca de onze horas, e aí eu comia o que houvesse. Do meio-dia às duas, me deitava para dormir, pois o calor era muito intenso; depois, mais para o entardecer, retomava o trabalho (p.67).

Na organização de seu dia percebe-se um cotidiano estruturado, no qual se destacam as incessantes tarefas. “Certamente *Robinson Crusoe* é o primeiro romance no sentido de que é a primeira narrativa de ficção na qual as atividades cotidianas de uma pessoa comum constituem o centro das atenções” (WATT, 1990, 67). As suas ocupações são minuciosamente descritas, desde as peripécias para apresar as cabras, a construção da “fortaleza” e do barco, a fabricação de utensílios até as plantações, enfim tudo passa a ser matéria do diário. Ele é permeado pela ênfase nas dificuldades que as tarefas impõem. Ao fazer o muro, por exemplo, destaca esse aspecto: “É difícil acreditar nos esforços inexprimíveis que cada coisa exigia, especialmente trazer as estacas do mato e fincá-las no chão, porque eu as fiz bem maiores do que precisava” (p. 70).

Circunstância interessante é quando se dispõe fazer uma prateleira. A atividade é aparentemente simples, porém, devido a sua falta de prática e de instrumentos, ela se torna complexa. Ele vai elencar todos os passos para a sua feitura. Esses iniciam na busca de uma árvore que se adequasse aos seus propósitos e seguem até aplainá-la, o que, sem ferramentas, se tornou uma árdua empreitada. Ele dá detalhes do serviço:

Com incontáveis machadadas, desbastei dois lados dela até que ficasse leve o bastante para ser movida. Depois, eu a virei, deixando um lado liso e plano como uma tábua, de ponta a ponta. Em seguida, virando esse lado para baixo, aplainei o outro lado até deixar a prancha com cerca de três polegadas de espessura e lisa dos dois lados. (p. 104)

A fabricação de potes de argila é outra ocasião em que se pode ilustrar o trabalho extenuante de Robinson, que não desiste com os fracassos iniciais: “Quantas delas desabaram para dentro e quantas desabaram para fora porque a argila não tinha firmeza suficiente para sustentar o próprio peso” (p. 108). É sempre por meio da observação e do estudo que consegue obter êxito. No caso, é quando atenta para a importância do controle do fogo. Ele

descreve o forno improvisado, o posicionamento da lenha e dos potes: “Ateei fogo por fora e em cima do combustível fresco e notei que eles não trincavam” (p. 109).

Percebe-se assim que ele aponta as várias etapas da produção de seus objetos estejam eles relacionados ao artesanato ou a outro tipo de afazeres. As horas do seu cotidiano registradas no diário não raro trazem a notação dos dias em que se realizaram. A sua rotina é preenchida com trabalhos diversos e mesmo os mais insignificantes são objeto de seu registro.

Outro aspecto significativo está no auto-exame que se realiza a cada passo de sua vida, bem como a tentativa de flagrar intenções divinas nos acontecimentos. Um episódio interessante, talvez um dos mais contundentes relacionados à “Providência Divina”, é aquele em que “jog[a] fora as cascas de milho” (título do capítulo) e, ao ver brotarem as espigas, interpreta a circunstância como a ocorrência de um milagre. Mais tarde, ao lembrar do que realmente ocorrera, sua “gratidão religiosa à Providência Divina também começou a enfraquecer com a descoberta de que tudo não passara de uma situação normal [...]” (p. 73). Apesar do arrefecimento de sua “gratidão religiosa”, é interessante a sua reação imediata, ao ver nesse florescimento um milagre.

Ocasão também importante da manifestação da religiosidade ocorre quando Robinson fica doente. Neste momento ele faz uma auto-análise, observa sua condição e, principalmente, volta-se efetivamente para a divindade, com a consciência de que “não possuía [...] nenhum conhecimento religioso” (p. 82). Esse auto-exame retoma a sua vida progressa, referindo-se às suas mazelas e à pouca importância que, até então, dera a Deus. As reflexões suscitadas pela doença estabelecem uma nova conduta para com o divino. Desde então orações e consulta à Bíblia integram o seu cotidiano. Passa a ter o hábito de abri-la aleatoriamente para ler algum versículo, sobre o qual medita. Além disso, se propõe a uma leitura integral: “Obriguei-me a ler um pouco todas as manhãs e todas as noites, sem me prender ao número de capítulos, mas enquanto meus pensamentos me absorvessem” (p. 88). A leitura desencadeia tal motivação que, “numa espécie de êxtase de alegria” (p. 88), grita implorando a concessão do “arrepentimento”. Essa comunhão com o divino é transformadora, pois passa a ter um outro olhar para sua situação: “Agradei a Deus com sinceridade e contrição por ter-me revelado que eu poderia ser mais feliz nessa condição solitária do que em liberdade, junto à sociedade, e em todos os prazeres do mundo” (p. 102). A prática gera uma reavaliação de sua vida: retoma tanto o tempo em que estivera no mundo civilizado, quanto os seus primeiros anos na ilha. Na comparação dos momentos anteriores com o atual há uma valorização de seu presente, marcado pela alegria e felicidade, representativos de seu atual estado. Tal circunstância está claramente explicitada quando se reporta ao passado: “Antes, quando eu saía para caminhar, fosse para caçar, fosse para inspecionar a região, a

angústia da situação em que estava me acometia de repente. Meu coração se apertava quando eu pensava nas matas, nas montanhas e nos desertos onde estava” (p. 102). É justamente em decorrência da leitura da Bíblia que se estabelece essa nova relação com a divindade, que desencadeia a mudança interna e a aceitação do espaço em que se encontra. Há, inclusive, uma valorização de sua atual vivência em detrimento daquilo que o mundo civilizado poderia lhe oferecer: “ali eu me afastara de toda a perversidade do mundo. Não tinha nem a luxúria da carne, nem a luxúria do olhar nem a ostentação da vida. Não tinha nada para cobiçar, pois possuía tudo o que era capaz de desfrutar” (p. 115). Com esse novo olhar, procura perceber “o lado luminoso e menos [...] obscuro da [sua] situação” e agradecer por sua “condição presente” (p. 116).

Em sua viagem para conhecer os limites da ilha, essa valorização novamente se evidencia. A bordo do barco por ele construído, é levado pela correnteza. Na iminência do perigo, “arrastado a uma distância assustadora da ilha” (p. 123), ele conclui: “nós nunca percebemos a nossa verdadeira condição até ela nos ser ilustrada pelo seu contrário, nem sabemos valorizar o que temos senão pela sua falta” (p. 123). Quando de seu retorno, de joelhos agradece a Deus por sua salvação.

Apesar de, em alguns momentos essa confiança na divindade ser abalada, como quando encontra a “pegada de um pé humano”, ele logo passa a considerar o fato, na tentativa de perceber os intentos da “sabedoria divina” (p. 136). É justamente a palavra bíblica que o liberta da inércia em que permaneceu “durante três dias e três noites” (p. 137) e que lhe ajudou a superar a apatia, fazendo com que, ainda sob o influxo do medo, conseguisse sair dos limites do “castelo”. Depois passa a imaginar que tudo poderia ser fruto de sua imaginação. Então, algumas considerações se impõem: “o medo do perigo é dez mil vezes mais aterrorizante que o perigo em si, quando visível aos olhos. Achamos o fardo da ansiedade muito mais pesado do que o mal que nos aflige” (p. 138). No entanto, mesmo buscando racionalizar, não consegue vencer o terror de ser aprisionado. Por essa razão, as suas orações se realizam em estado de ansiedade, não apresentando “uma disposição de paz, gratidão, amor e afeição”, os quais corresponderiam a “um estado muito mais apropriado à oração do que a de terror e perturbação” (p. 141).

Na ocasião em que se depara com a “praia coalhada de ossos” (p. 142), sua reação imediata é de agradecer a Deus por ter construído sua “fortaleza” em local não freqüentado pelos selvagens.

No diário, seja reportando-se às tarefas cotidianas, como a fabricação de objetos, seja tentando captar os intuitos da “Providência divina”, seja refletindo sobre as vicissitudes de sua vida, Robinson, ao voltar-se para a sua vivência, apresenta um olhar arguto, profundo, ao qual não escapa as mazelas dos pensamentos recônditos.

5 A atualização do mito: *Sexta-Feira, ou, Os limbos do Pacífico*

Sexta-Feira, ou, Os limbos do Pacífico também reporta a história de um naufrago que vive muitos anos sozinho em uma ilha deserta, até a chegada de um índio – a quem dá o nome de Sexta-Feira – para ela levado como prisioneiro, pois fora capturado por uma tribo inimiga. Se os principais motivos são retomados da narrativa de Defoe, é na tessitura narrativa que as diferenças se estabelecem, sendo elas responsáveis pelo interesse do texto de Tournier.

Robinson, salvo do naufrágio, não busca proteger-se, construindo ou fazendo qualquer trabalho com esse propósito, ao contrário, “o que ele sentia era insuportável repugnância por tudo o que pudesse assemelhar-se a trabalhos de instalação na ilha” (p. 18).⁵ Na expectativa de ser resgatado, procura não se afastar da praia e, numa atitude contemplativa, espera pelo socorro de algum barco. Nesse ínterim, alimenta-se de frutas e caça, que encontra ocasionalmente: “Não fazia qualquer esforço para se alimentar, comendo em qualquer momento o que lhe viesse à mão, moluscos, folhas de beldroega, raízes de samambaia, frutos de coqueiro, palmitos, bagas ou ovos de aves e de tartarugas” (p. 19). Essa opção por permanecer inativo, seja com vistas a uma maior proteção e conforto, seja na busca sistemática de alimento, tem como contrapartida “o medo de perder o juízo” (p. 20). Temeroso dessa possibilidade, resolve construir um barco. Faz então a primeira incursão ao *Virginie* – navio em que estava quando naufragou – que estivera ao seu alcance desde o primeiro dia. Tendo como objetivo específico munir-se de ferramentas para construir o barco, carrega para a praia aquelas que encontra e, sobretudo a pólvora, cujo transporte é feito em várias excursões.

O barco, ao qual dá o nome de *Evasão*, é construído. Só quando ele está pronto é que Robinson se dá conta da impossibilidade de colocá-lo no mar, decorrente do seu peso e da considerável distância que se encontrava da beira da praia.

Frustrado, a prostração que o domina é avassaladora, levando-o a um estado de total inanição, perdendo, inclusive, os signos civilizatórios, entre eles as roupas: “Robinson já não sabia desde quando abandonara o seu último farrapo aos espinhos de uma sarça” (p. 33). Como os animais, passa a mergulhar no lodo. Não cuida de sua aparência, seu corpo contém crostas de barro e excremento; mergulha em um estado de total degradação, já transformado em “estátua de limo”:

⁵ Todas as citações da narrativa daqui até ao final do texto seguem a edição: TOURNIER, Michel. *Sexta-Feira, ou, Os limbos do Pacífico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

Já aliás, não receava o ardor do sol, pois que lhe cobria as costas, o tronco e as coxas uma crosta de excrementos ressequidos. A barba e o cabelo emaranhavam-se, o rosto desaparecia sob a massa hirsuta. As mãos, transformadas em cotos ganchosos, agora só lhe serviam para se deslocar, porquanto era tomado de vertigens sempre que tentava pôr-se de pé. A fraqueza própria, a suavidade da areia e dos lodos da ilha, a ruptura de qualquer pequena mola da sua alma comandavam que se deslocasse só rastejando. Nariz no chão, comia coisas inomináveis. Fazia as suas necessidades deitado e raramente deixava de rolar na mole tepidez das próprias dejeções. Cada vez se deslocava menos e as suas breves evoluções sempre o levavam ao lameiro. Mergulhava o corpo e libertava-se do peso na envoltória úmida do lodo, enquanto as emanções deletérias das águas fétidas lhe obscureciam o espírito. Só os olhos, o nariz e a boca afloravam no tapete flutuante salpicado de lentilhas-d'água e de ovos de sapo. (p. 33-34)

O trecho mostra o estado aviltante em que caiu. Imerso na lama, sem nenhuma ação além de chafurdar no lodo, esta é sintomática de seu estado, o que a interpretação simbólica confirma:

Mas se [...] considerarmos como ponto de partida a água com sua pureza original, a lama se apresenta como um processo involutivo, um início de degradação. Daí provém o fato de que a lama ou o lodo, através de um simbolismo ético, passe a ser identificada com a escória da sociedade (e com o seu meio ambiente), com a ralé, ou seja, com os níveis inferiores do ser: uma água contaminada, corrompida. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1990, p. 534).

À visão de um navio o arranca desse estado de torpor. Volta então ao *Virginie*, fazendo um levantamento do que poderia ainda ser aproveitado. Como não se preocupara em marcar tempo, pois “os seus dias sobrepunham-se, todos iguais na sua memória, e Robinson tinha a sensação de recomeçar cada manhã o dia anterior” (p. 24)⁶, não sabe dimensionar quantos dias, meses ou anos se passaram desde o naufrágio. O transcorrer do tempo pode ser notado nos efeitos sobre o cachorro *Tenn*, o qual perde os traços dóceis e a relação amistosa que mantinha com os homens.

Robinson retira do navio tudo o que ainda está em condições de ser aproveitado e começa a organizar o seu espaço e a preocupar-se com a sistematicidade de sua alimentação, levando-o a domesticar os animais. É interessante a consciência de seu próprio processo: “À semelhança do homem primitivo, passara do estágio em que colhia e caçava ao da agricultura e domesticação de animais” (p. 41).

Segue-se a construção de um lugar para habitar, pois, até aquele momento dormira em uma gruta. Neste novo espaço exercita a sua

⁶ Essa é uma das grande diferença em relação à narrativa de Defoe, porque este Robinson inventa o calendário. Desde o início assinala o transcorrer dos dias com marcas em uma árvore.

humanidade. Penetrar nele torna-se um ritual, e para isso vestia-se e calçava-se, com as roupas trazidas do Virginie.

Outro aspecto significativo da ruptura do estado letárgico anterior é a manifestação de sua sexualidade, embora se apresente de forma negativa, já que mostra ojeriza ao ver os abutres nesse exercício: “dificilmente podia suportar o espetáculo de seus costumes cruéis e repulsivos. Os seus amores de velhos lúbricos eram um insulto à forçada castidade de Robinson” (p. 42). A irritação com os animais é sintomática. O fato de ele ser afetado pelas aves de rapina indicia o quanto a questão lhe é importante. O mesmo sentimento estende-se aos demais mamíferos e aves, “cujos amores lhe pareciam a caricatura odiosa dos amores dos homens” (p. 106). Situação diversa ocorre com os insetos, os quais observa com atenção, sem nenhum sentimento adverso. A fantasia corre solta - assim como ocorre com os insetos, ele também poderia ser veículo da natureza:

Repelindo os seus escrúpulos, Robinson pensou que certas árvores da ilha podiam atrever-se a utilizá-lo, tal como as orquídeas faziam com os himenópteros, para veicular o respectivo pólen. Então os ramos dessas árvores metamorfosear-se-iam em mulheres lascivas e perfumadas, cujos corpos dobrados estariam prontos a recebê-lo... (p. 107).

Certamente ele está vivendo um processo interno, sendo essa forma de ver a natureza o primeiro passo para a aceitação do seu próprio corpo, que terá como desdobramento o conúbio com a terra. A ilha assume para ele formas humanas: “Sentia, como nunca antes, que estava deitado sobre a ilha como sobre alguém, e que tinha debaixo dele o corpo da ilha” (p. 111). O sentimento era único, nunca antes “o experimentara com tal intensidade” (p. 111). A imagem era tão viva, que a ilha assumira uma “presença quase carnal” (p. 111). É nessa conjuntura que “o sexo penetrou-lhe no solo como relha de arado e aí ejaculou, numa imensa piedade por todas as coisas criadas” (p. 112). O local, que denomina “Como Rosa” (p. 118), passa a ser freqüentado e depois de algum tempo, identifica uma nova vegetação: “Davam lindas flores brancas com pétalas lanceoladas, aroma de maresia, e bagas castanhas volumosas que caíam em abundância de seu cálice” (p. 121). Esta sempre nascia “no local preciso onde tinha ejaculado” (p. 121).

Momento importante do exercício de sua humanidade e, também sintomático da ruptura com o caos caracterizado pela imersão na lama, é a escrita. Tendo encontrado tinta no barco e livros cujas letras se haviam apagado, passa a manter um diário, ao qual chama de *log-book*. Nele se propõe a registrar não o cotidiano, os acontecimentos factuais, “mas as meditações, a evolução de sua vida interior, ou ainda recordações que lhe vinham do passado, juntamente com as reflexões que lhe inspiravam” (p. 39). É assim que as suas angústias, os seus medos, a sua solidão, a

problemática da identidade, passam a objeto de reflexão. É, pois, sua vida interior que está em foco.

Com seu cotidiano organizado, depois de realizar várias construções, expandir sua plantação, aprisionar cabras e bodes, enfim, dominar a natureza, Robinson olha para as suas conquistas e essas se lhe afiguram inúteis, e daí aflorar o desejo de aniquilar sua obra: “Destruir tudo aquilo. Queimar as colheitas. Arrasar as construções. Abrir os currais e chicotear as cabras e os bodes até fazer sangue, para que fugissem desordenadamente em todas as direções” (p. 110). Esse anseio de exterminar o produto de seu trabalho, tão arduamente construído, está relacionado à falta de sentido que o entorno lhe oferece, do que decorre o “vazio” que o acomete, com a conseqüente compreensão da inutilidade de seus empreendimentos: “Mas a verdade é que a ilha administrada lhe aparecia, cada vez mais freqüentemente, como uma nova empresa inútil e louca” (p. 111). Esse sentimento de vazio, de inutilidade, de absurdo da vida é temática recorrente na literatura do século XX, e talvez seja um dos assuntos mais importantes para mostrar o quanto Tournier é um homem de seu tempo.

Circunstância de extremo interesse em se tratando das diferenças em relação à narrativa de Defoe é a que se estabelece entre Robinson e Sexta-Feira. Apesar de inicialmente problemática, porque o selvagem é avesso às suas palavras, pois elas não têm sentido para ele, inclusive rindo “insolentemente dos [seus] ensinamentos” (p. 130), logo a ligação entre ambos se transforma, e é Robinson quem passa a aprender com o índio.

A conduta de Sexta-Feira freqüentemente provoca a irritação do outro e, às vezes, até o ódio: “Robinson odeia estas explosões juvenis que destroem a sua ordem e minam a sua autoridade” (p. 132). Esse ódio é tão intenso que chega a desejar a morte do selvagem. A situação parece atingir o clímax quando o flagra no “Como Rosa”, em ato libidinoso, o que o deixa “aterrado”: “Speranza⁷ conspurcada, suja, ultrajada por um negro!” (p. 156). Sempre pronto a romper as regras impostas, a transgressão é inerente à conduta de Sexta-Feira. Entre as muitas proibições dadas por Robinson — que inclusive estabelecera um código penal para a ilha, antes mesmo da chegada do selvagem — estava o fumo, que era guardado para ocasiões especiais. Quando o amo estava distante, o indígena entregava-se a esse prazer, que só era completo se feito dentro da gruta. Em determinada circunstância, ao fumar despreocupadamente, é surpreendido por Robinson, que chega de inopino. Numa ação rápida, joga o cachimbo para o fundo da gruta, onde estava armazenada a pólvora. Tudo se passa rapidamente. Robinson, “num último clarão de consciência [...], sente-se levantado, levado, enquanto vê o caos rochoso que domina a gruta ruir como um jogo de construções” (p. 163).

Aqui é o início de um novo tempo: o da aprendizagem de Robinson. É Sexta-Feira quem mostra o padrão a seguir, ou seja, viver apenas no

⁷ Um dos nomes que dera à ilha; o outro, foi *Desolação*.

presente. A transformação de Robinson é total, sendo marcada pela realização de atividades impensáveis antes: “Acompanhava Sexta-Feira nos jogos e exercícios que outrora considerava incompatíveis com a sua dignidade” (p. 170). Nasce um novo homem, mais livre, preocupado apenas em desfrutar a vida, procurando viver intensamente os seus momentos. De tal forma integra-se prazerosamente a esta nova existência que, quando surge a oportunidade de reatar os laços com o mundo civilizado, decide permanecer em Speranza. Mas este é um novo capítulo...

Recebido em novembro de 2007.

Aprovado em novembro de 2007.

Title: Robinson Crusoe: the Drawbacks of a Lonely Man

Abstract

This essay aims at considering the course of Robinson Crusoe, the main character of the homonym narrative of Daniel Defoe, when he finds himself in a desert island. The shipwrecked alone, soon, solves survival problems with the supplies he's able to salvage from the wrecked ship. To protect himself, he builds a "fort", organizes his space and providing himself with food and comfort. His structured world disaggregates with the irruption of cannibals in the island, for he becomes frightened. This situation only changes with the arrival of Friday, who founds a new period. Throughout the time Robinson Crusoe keeps a diary, in which he examines his acts and motivations, and tries to perceive the Divine Providence. Later, I will analyze Robinson in Michel Tournier's *Friday or Limbs of the Pacific*. I intend to focalize the differences in both texts.

Key words: Robinson Crusoe. Desert island. Loneliness. Savages. Friday. Quotidian.

Referências

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. São Paulo: Iluminuras, 2004.

MACHERAY, Pierre. L'ancêtre thématique: Robinson Crusoe. In: _____. *Pour une théorie de la production littéraire*. Paris: François Maspero, 1980.

ROBERT, Marthe. *Romans des origines et origines du roman*. Paris: Gallimard, 1972.

TOURNIER, Michel. *Sexta-Feira, ou, Os limbos do Pacífico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

WATT, Ian. *Robinson Crusoe, o individualismo e o romance*. In: _____. *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WATT, Ian. *Mitos do individualismo moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

WYSS, Johann Rudolf. *Robinson suíço*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.